

DÍVIDA: MAIS

Até o maior credor do Brasil, o Citicorp, está

Economia

— O BRASIL E O MUNDO —

OTIMISMO NOS EUA

confiante nas negociações. E espera que o País retome os pagamentos dos juros aos bancos.

A onda de otimismo cercando as negociações da dívida já atingiu o maior credor do Brasil, John Reed, do Citicorp, mas não se deve esperar nenhum pagamento brasileiro até a próxima sexta-feira, dia 29, como informou ontem, em Nova York, o presidente do Banco Central Fernando Milliet.

O otimismo em várias áreas do governo americano, e também no Federal Reserve, o banco central dos Estados Unidos, seria uma consequência direta de várias conversas telefônicas entre o ministro Mailson da Nóbrega e o secretário James Baker. As opções de um acordo que os dois discutiram têm sido mantidas em segredo, embora o princípio seja conhecido: o governo brasileiro só poderia pagar, atualmente, 1/3 dos juros vencidos e a vencer neste ano, e por isso estaria negociando um novo pacote provisório.

O governo americano só participa indiretamente do pacote, como uma de suas fontes dizia ontem. "Não haverá nenhum desembolso do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, e só dos bancos." O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, mesmo sem vir a Washington, está sempre em contato com o governo americano. Ele próprio continuava muito otimista ontem, e quando um repórter lhe perguntou, à entrada dos escritórios de advocacia Shearman and Sterling, se era verdade que estava ocorrendo um novo impasse nas negociações, ele respondeu:

"Acho que não. Acho que tem havido progresso. Nós já temos tido entendimento em alguns pontos, e estamos prosseguindo com entendimentos em outros pontos".

O porta-voz do comitê credor confirmou o otimismo. E o presidente do Citicorp, John Reed, falando a analistas financeiros, disse que espera que o Brasil retome mesmo seus pagamentos aos ban-

cos credores. Para um banco que anunciou perdas de Us\$ 1,1 bilhão no ano passado, por causa de seus empréstimos latino-americanos, especialmente ao Brasil, esse otimismo é muito significativo.

O progresso nas negociações da dívida serviu, até agora, para adiar as retaliações comerciais norte-americanas por causa da política brasileira de informática.

A explicação, de um funcionário do governo, é a de que "uma parte da administração Reagan teme que o anúncio das represálias afete o bom andamento das negociações da dívida, interrompendo-as".

Mas, para ele, "isto não poderá durar indefinidamente", lembrando-se que a expectativa da aplicação de sobretaxas está "torturando" exportadores brasileiros e importadores americanos. "Nosso governo está consciente de que, a cada dia que passa, a expectativa fica pior do que a própria retaliação."

O governo americano não só está esperando que as negociações da dívida alcancem um acordo de princípio, mas também que alguma novidade surja dos encontros do embaixador Harry Shlaudeman no Brasil. Ele esperava se encontrar com o presidente Sarney no Rio, antes que a viagem fosse cancelada. Mas encontrou-se, já, com importantes membros do governo que cuidam da informática. O desejo dos Estados Unidos é o de não mais ter que ir até as últimas consequências, como no caso da Microsoft, quando algum novo produto americano for lançado no mercado brasileiro. Tudo indica que se obter uma garantia sobre a aplicação das leis de Informática e de Software, o governo americano poderia, até mesmo, suspender as retaliações.

**Moisés Rabinovici,
de Washington.**